



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

03163 -25.00
SODT -1982

VISTO:

22-12-82

REQUERENTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE TORRES

LOCALIDADE: TORRES

ASSUNTO: Tombamento da Igreja Matriz de São Domingos.

UNIDADES	ENTRADA	SAÍDA	DESTINO
Sgt S.C.D.T	22-12-82	22-12-82	DEC
JATA	22-12-82	22-12-82	Din.
" "	17-02-83	17-02-83	ARQUIVO
" Prod. S. Juvenis	14-11-83	14-11-83	Subsecretaria de Cultura
SUSEC	22-11-83	23-11-83	Ang. Hist.
CPHAE	23 NOV 1983	26 SFT 1985	AT/SUSEC
CPHAE	23-03-87		



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTO E TURISMO

DEPARTAMENTO DE CULTURA
DIVISÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

CPHAE
Proc. nº 03163-2500/82
Fl. 2
Libele

Processo nº

Interessado Prefeitura Municipal de Torres

Objeto Tombamento da Igreja Matriz de São Domingos

Informação DIPHIC

N nº 20/82

Data 21 de dezembro de 1982

Senhor Diretor

Na qualidade de Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural desta Secretaria de Cultura, Deporto e Turismo, venho-respeitosamente à presença de Va.Sra. solicitar permissão para inscrever no Livro do Tombo Histórico desta DIPHIC, o seguinte prédio de propriedade particular.

FICHA TÉCNICA

Igreja Matriz de São Domingos em TORRES

Localização Praça Floriano Peixoto -TORRES

Proprietário Mitra Diocesana de CAXIAS DO SUL

Estilo Barroco colonial com adulterações

Razões do Tombamento

O Prefeito Municipal de Tores através do Proc. 02423-SCDT-1982 solicitou o tombamento do prédio, embora, errôneamente, julgasse que o tombamento implicaria na aquisição do imóvel de parte da Secretaria. Nada impede, entretanto, o tombamento da igreja, cuja decisão ficou à critério da DIPHIC, conforme despacho do sr. Diretor do DEC no proc. citado.

Assim, solicitamos o tombamento da igreja Matriz de São Domingos, em Torres, que data de 1824 e nos reportamos à nossa manifestação no expediente citado, datada de 18.10.82, além, do extrato do Livro de Saint Hilaire e do histórico do Município, redigido pelo Prof. Walter Spalding.

Solicitamos permissão para notificar a Mitra Diocesana de Caxias do Sul, na pessoa de seu titular, D.Benedito Zorzi, de conformidade com o art.

69,V,a da Portaria nº 4080.

Leandro Silva Telles
Leandro Silva Telles

Diretor da DIPHIC

Libeli

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTO E TURISMO
DEPARTAMENTO DE CULTURA
DIVISÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

Porto Alegre, 18 de outubro de 1982

Senhor Diretor:

O Prefeito Municipal de Torres solicita a esta Secretaria o tombamento do prédio, sito naquele Município, à rua Padre Lamônaco imóvel de valor histórico, pois nele teria pernoitado D. Pedro II quando passou por Torres em dezembro de 1826. Segundo o ofício o prédio se destinaria a abrigar um museu e biblioteca;

Embora, não conste do ofício, por omissão, a solicitação - do tombamento da Igreja Matriz de São Domingos, isso, também, é desejo do poder executivo do Município, conforme, nos foi dito pessoalmente pela secretária do sr. Prefeito; a prova desse desiderato é o envio simultâneo da certidão do Registro de Imóveis referente ao templo.

Opina, esta Divisão, favoravelmente, ao pedido, eis que é evidente:

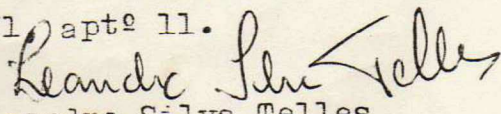
a) a historicidade dos prédios: o templo data de 1824, sendo que o início de construção, é, provavelmente, de 1820, quando por ali - passou Auguste de Saint Hilaire (cf. documento anexo); o prédio tombando, sito nas imediações da igreja (cf. se observa na foto nº 4), também serviu de pousada a Saint Hilaire e ele narra o fato na sua "Viagem ao Rio Grande do Sul" (cópia anexa); em dezembro de 1826, D. Pedro I nela teria pernoitado;

b) a feição arquitetônica dos prédios: o templo com sua fachada do barroco, embora a torre seja de época posterior, e as laterais - apresentem janelas com características góticas; merece que se leve em consideração a fachada, provavelmente, a única na região; o prédio de pouso de D. Pedro I teve suas características bastante adulteradas durante o decorrer dos anos, o que, não impede, que a uma restauração o coloque na sua situação original;

c) a proximidade de ambos os documentos impõe, igualmente, o tombamento de ambos, a fim de que no futuro, uma hipotética demolição - do prédio, além do iconoclastismo, não prejudicasse a visão da igreja e deturpasse a sua presença mediante a construção de prédio de apartamentos ou coisa semelhante;

Logo, opinamos pela inscrição dos dois documentos no Livro do Tombo Histórico, mediante a notificação prévia aos proprietários - dos imóveis, cf. art. 69, V, a, da Portaria nº 40/80.

Proprietários: Mitra Diocesana de Caxias do Sul; Arquiteto - Paulo Giora, Ferreira Viana, 279; Des. Julio de Aguiar Machado, Av. Jerônimo de Ornellas, 171 aptº 11.


Leandro Silva Telles
Diretor da DIPHIC



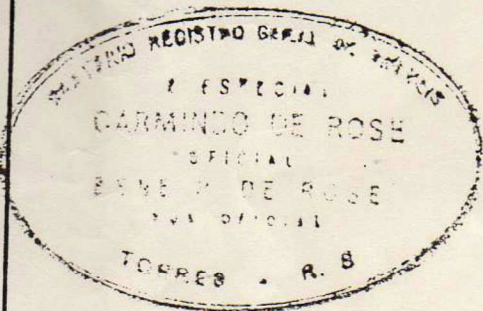
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DE TORRES
REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS E ESPECIAL

CERTIFICO por me ser verbalmente pedido e que revendo o livro de transcrição das transmissões de número 3-T, nele as fls. 18, em data de 17.04.52, sob número 7.220, foi transcrita a escritura do imóvel seguinte: Um terreno com quarenta e nove (49) metros de frente, com os fundos - que se encontrarem, fazendo frente à Praça Floriano Peixoto, fundos, à rua Alfe- res Ferreira Porto; extremando pelo norte, com os lotes de quem de direito e pe- lo sul, com propriedade de Plínio da Costa Gama e Fábio de Barros, situado nes- ta cidade.-ADQUIRENTE: MITRA DIOCESANA DE CAXIAS DO SUL.-Transmitente: A Prefei- tura Municipal de Torres, representada por seu prefeito Severiano Rodrigues da Silva.-Forma do título: Escritura de doação lavrada no tabelionato desta cida- de, em 27.11.51.-Valor: G\$ 51.000,00 (cinco , digo G\$ 5.000,00 (cinco mil cru- zeiros).-Averbação: nada consta, do que dou fé.-Aos vinte e cinco (25) dias do mês de agosto do ano de um mil novecentos e oitenta e dois (1982).-.-.-.-.-

Torres, 25 de agosto de 1982

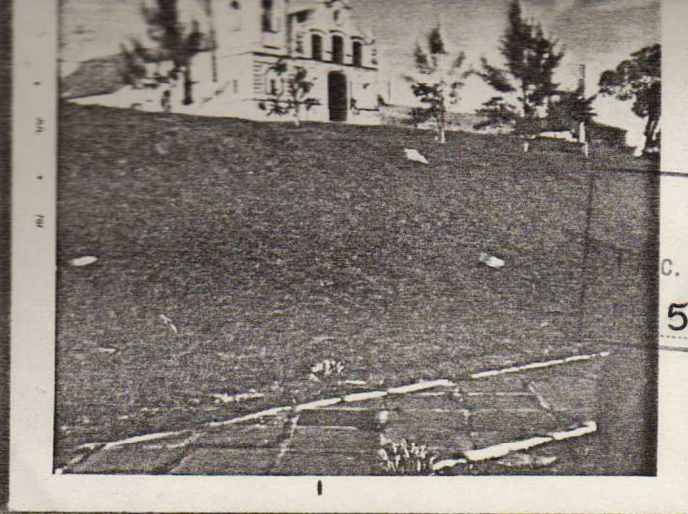
Carmino de Rose

OFICIAL



CARMINDO DE ROSE — Oficial

RENE PACHECO DE ROSE — Sub-Oficial

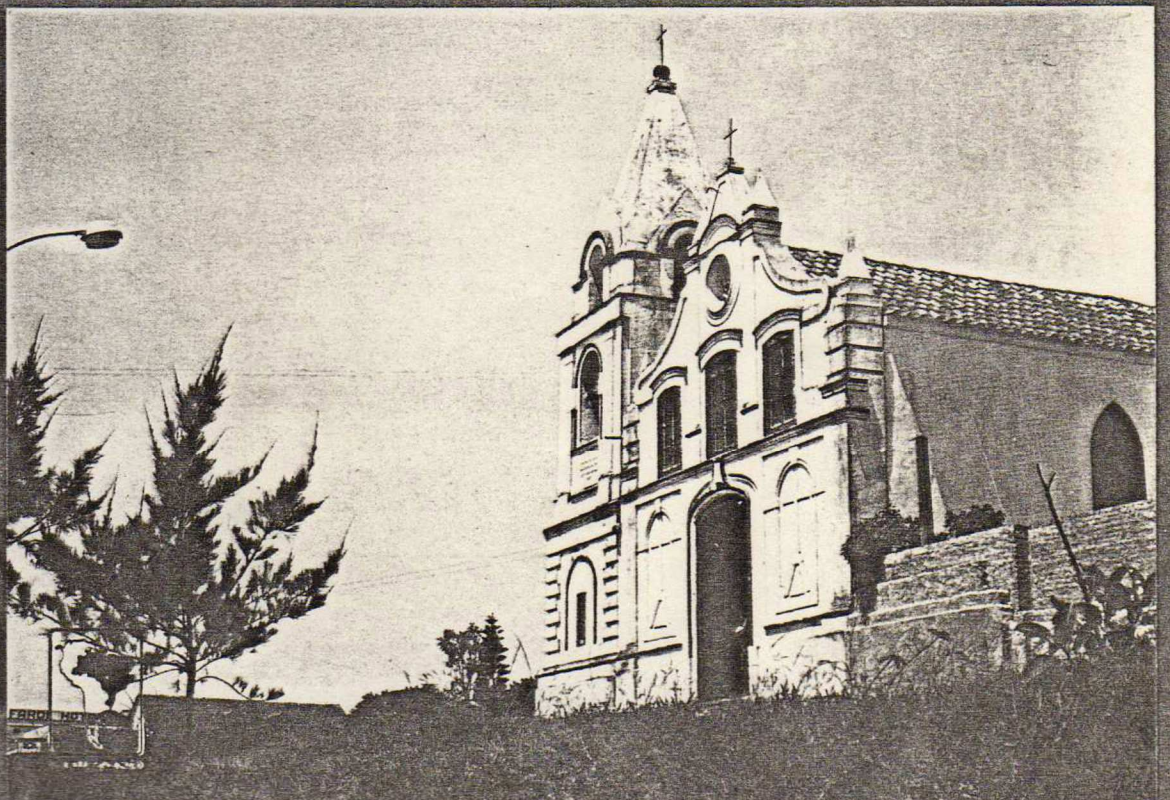


5

03.16382

IGLESIA MARCA DOMINOS

Cibola



CPHAE

Proc. nº 03.163/82

Fl. 6

Libre



VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL

Auguste de Saint-Hilaire

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

CPHAE

Proc. nº 03.163/82

Fl. 7

libel

VIAGEM AO
RIO GRANDE DO SUL

(1820-1821)

Tradução de

LEONAM DE AZEREDO PENNA

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
LIVRARIA ITATIAIA EDITORA LTDA.

CAPÍTULO I

Torres. Prisioneiros indígenas empregados na construção do fortim. Itapeva. Estância de Meio. Sítio do Inácio. Tramandaí. Firmiano mordido por uma cobra. Fazenda do Arroio. Cultura da mandioca e do trigo. Pitangueiras. Diálogo com a hospedeira à porta da casa. Lagoa dos Barros. Boa Vista. Curtume de José Egidio, Barão de Santo Amaro. O Sr. Gavet. Descrição da Fazenda. Sítio... Capela do Viamão. Bela igreja. Criação de gado.

Torres, 4 léguas,¹ segunda-feira, 5 de junho. — Sempre areia e mar. Todavia, se nos dias precedentes avistamos apenas uma praia pardacenta a confundir-se com o céu na linha do horizonte, hoje deparamos os dois montes denominados Torres, que efetivamente avançam pelo mar adentro, à semelhança de duas torres arredondadas.

A Oeste recomeçamos a perceber a grande cordilheira que há muito tempo não víamos.

Acerca de uma légua daqui achamo-nos à margem do Rio Mampituba (pai do frio), o qual, atravessando a praia, se lança no mar, depois de servir de linha divisória entre a Província de Santa Catarina e a Capitania do Rio Grande. Passamo-lo de modo idêntico ao que empregamos na travessia do Rio Araranguá, e pagando pedágio à guarda de Torres.

Continuando nossa caminhada eis-nos chegados aos montes que têm esse nome. Um relvado curto, rasteiro mesmo, se estende à beira-mar, um pouco acima do mais setentrional dos dois montes.

Como há o projeto de localizar-se em Torres a sede de uma paróquia, iniciaram aí a construção de uma igreja, da qual apenas existe o madeiramento. Após passarmos por essa igreja chegamos a um forte cuja construção se ultima e junto ao qual se acha o alojamento dos soldados do posto e do alferes que os comanda. Tais edificações ficam na face ocidental do monte, local de onde gozei um panorama que me pareceu mais encantador do que realmente era, devido à monotonia dos areais áridos a que meus olhos se acostumaram nos dias anteriores.

Um lago alongado, de águas tranqüilas e cercadas de altas Ciperáceas, se estende ao pé do monte, paralelamente ao oceano. Além são matas que crescem em um terreno plano. À direita vêem-se ainda areais puros, e enfim o horizonte, delimitado pelo imenso planalto da grande cordilheira.

Chegado à residência do Alferes mostrei-lhe meus documentos, sendo muito bem recebido e alojado em uma pequena casa, onde ficarei sozinho e de onde se avista o lago.

A construção do forte, a que me refiro linhas atrás, tinha sido começada e estava em andamento, embora não se acreditasse na invasão espanhola. De Laguna até aqui a costa é tão baixa e tão castigada pela fúria de um mar perigoso às pequenas embarcações que nem por sombra poder-se-ia julgar que os inimigos aí se atrevessem a desembarcar. De qualquer modo a construção está sendo tocada, orientada para o norte e podendo ser dotada de quatro peças de artilharia. Em sua construção empregam-se cerca de 30 prisioneiros tomados a Artigas. Todos

¹ Légua portuguesa de 18 ao grau, ou sejam: 6.173 metros.

Município de Torres

CPHAE

Proc. nº 03.163/82

M. 9

elab.

(BREVE RESENHA HISTÓRICA
CONSAGRADA AO PROFESSORADO
DE TORRES).

Professor WALTER SPALDING

O atual município de Torres, com suas características "três tôrres" a do norte, a do centro e a do sul, — aparece pela primeira vez, ao que nos consta, na PLANTA SOBRE A VIAGEM por terra entre a Ilha de S. Catharina até a Barra do Rio-Grande de São Pedro, solitavelmente observada para servir à Descrição junta, feita em — caminho, pelo — Marechal d' Campo Diogo Funck em — 1775.

Não há referência maior ao local, assinalando, contudo, o marechal Funck a "Barra velha do Mampituba", o "Rio Mampituba", as "Tôrres", e a lagoa de Itapeva que escreve "Itapebã".

Na descrição, não há outras referências às tôrres, além das distâncias: "Da Barra velha do Mampituba ao rio Mampituba — léguas, 1,3/4; Do rio Mampituba às primeiras tôrres, léguas, 1/2; Das primeiras tôrres às segundas tôrres, léguas, 1/4; Das segundas tôrres ao primeiro arroio, léguas, 1/4". E prossegue atravessando arroios até Tramandaí, Cidreira, Quintão, São Simão, Mostardas, São José do Norte (povoação do Norte).

Em 1809, entretanto foi criada por D. Diogo de Souza a "Guarnição Militar no Passo do Mampituba", que foi o início do povoamento da zona. Esta Guarnição ficou instalada primeiramente no alto da Torre Norte (atualmente a do farol), mas em 1814, estando comandada pelo Alferes Manoel Ferreira Pôrto (mais tarde Comendador, pai do Barão do Caí, Francisco Ferreira Pôrto) esta Guarnição Militar começou, por intermédio de seu comandante, a tratar do povoamento do local, trazendo as primeiras famílias.

Em 1815 recebia o Alferes Manoel Ferreira Pôrto uma sesmária doada pelo Marquês de Alegrete, "entre as Tôrres e o rio da Forquilha, fazendo fundo às terras já habitadas com frente ao mar".

Antes, porém, — e parece-nos que foi esta a primeira sesmária doada na região, — recebeu Manoel Francisco Terra, de Dom Diogo de Souza, em 1814, uma sesmária na Lagoa de Itapeva, seguindo para o sul, confrontando com outros sesmeiros (Francisco Antônio Lisboa e José da Silveira).

Mas, na atual cidade, no centro urbano das Tôrres ao Mampituba, nunca houve sesmeiro, pois as terras ficaram reservadas aos moradores iniciais que foram os fundadores, com Manoel Ferreira Pôrto, do povoado que se denominou, depois, Capela de São Domingos das Tôrres por provisão eclesiástica de 15 de março de 1826, na mesma época da fundação do núcleo colonial de São Pedro de Alcântara.

Governava o Rio Grande do Sul o desembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro (mais tarde Visconde de São Leopoldo). Corria o ano de 1824.

Feliciano Pinheiro que viera do Rio de Janeiro, ao passar por Torres que, aliás, já conhecia de seus longos anos de atividades na Província de São Pedro, achou o lugar excelente e muito apropriado para uma defesa eficiente da costa brasileira.

Assim, logo que tomou posse enviou para Torres o tenente-coronel Francisco de Paula Soares, com ordens de fundar um presídio ou fortim militar no lugar mais apropriado, numa das "tôrres" naturais à beira-mar.

Francisco de Paula Soares marchou em cumprimento das ordens recebidas com um parque de artilharia com palamenta e munição, um pavilhão nacional para tremular sobre o baluarte que teria o nome de Ipiranga.

Acompanharam-no trinta soldados guaranis com três oficiais, um cirurgião encarregado da vacina e tratamento dos que enfermassem, para o que carregou consigo uma botica, e mais 16 prêsos sentenciados pela justiça para trabalharem no mais pesado e as necessárias ferramentas.

Iniciou de logo a construção do baluarte Ipiranga e, ao lado, a igreja que seria dedicada a São Domingos, e mais acima, na Torre norte, o cemitério (próximo a êle foi construído, mais tarde, o farol).

Concluído o presídio e a igreja quase pronta, com falta das Tôrres, em fins de 1824, teve início outra obra de vulto: a abertura da estrada para os campos de Cima da Serra (São Francisco de Paula), partindo do Mampituba, junto ao Passo, pela margem esquerda desse rio, e mais outra que também conduzisse aos Campos de Cima da Serra, passando pela recém, fundada Colônia das Três Forquilhas e marginando o rio do mesmo nome e seu vale até reunir-se à primeira nos Campos citados.

Continuou, pois, a obra iniciada pelo Alferes Manoel Ferreira Pôrto, dando-lhe maior amplitude e mais perfeito apoio, concretizando-se, assim, o que desde 1809 vinha sendo uma determinação perseguida.

A construção da Igreja foi iniciada em meados de janeiro de 1824, pelos presidiários para aí transportados, tendo sido inaugurada a 24 de outubro do mesmo ano, embora inacabada, pois a parte posterior somente ficou pronta pelo ano de 1837 e a torre apenas em 1898.

O Presídio Ipiranga de São Domingos das Tôrres teve, já em seus primórdios, dias de glória. Em 5 de dezembro de 1826 foi arvorado no baluarte o pavilhão brasileiro, festivamente, saudando a artilharia, com 101 tiros ao grande visitante-viajante o sr. D. Pedro I, que vindo de Santa Catarina, acom-